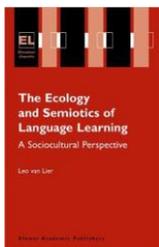


**A ECOLOGIA E A SEMIÓTICA
NO APRENDIZADO DE LÍNGUAS
– UMA PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL**

Alexander Severo Cordoba (UFPEL)
severo.cordoba@gmail.com



VAN LIER, Leo. *The Ecology and Semiotics of Language Learning. A Sociocultural Perspective*. Massachusetts: Kluwer Academic Publisher, 2004.

<http://www.amazon.com/Ecology-Semiotics-Language-Learning-Sociocultural/dp/1402079931>

A questão da aprendizagem de línguas tem se constituído numa preocupação constante entre educadores e linguistas, cuja meta principal é compreender como ocorre o processo da aquisição da língua. Neste sentido, o presente livro tem como intuito discutir e refletir sobre a relação entre a língua/linguagem e a aprendizagem dentro de uma perspectiva da abordagem nomeada de linguística ecológica.

Segundo Van Lier, a complexidade existente entre os conceitos de língua/linguagem gera discussões que levam a refletir na impossibilidade da existência de uma teoria que trate a língua por meio de uma visão ampla, ou seja, ilimitada. Por isso, uma teoria ecológica da língua não tem o objetivo de ser uma teoria unificada ou total da linguagem, porém é importante evitar o relacionamento dessa teoria com as duas formas reducionistas: 1) o reducionismo ligado à gramática: a língua não pode ser resumida a uma gramática; e 2) o reducionismo em certos aspectos, relacionado às combinações com a língua/linguagem e outras áreas de estudo, como, por exemplo, a ciência social e cognitiva.

A ecologia é definida como a totalidade das relações de um organismo com todos os outros organismos em contato. Além disso, a ecologia é uma maneira específica de estudar a cognição, a linguagem e a aprendizagem.

Consequentemente, a abordagem ecológica tem recebido um forte impulso a partir das teorias do caos e da complexidade, bem como das

teorias do sistema e da ecologia da mente. Além disso, a abordagem ecológica reconhece e situa a língua como o foco central do seu estudo e olha para o todo de uma determinada situação questionando o seguinte: o que existe no ambiente para as coisas acontecerem do jeito que acontecem? E, também, como a aprendizagem acontece?

De acordo com Van Lier, a língua na educação é uma mistura de emoções. Por isso que a língua é parte do sistema de mensagens que é amarrado ao nosso sistema sensorial, as nossas memórias, as nossas histórias e a nossa identidade. Sendo assim, não é possível separar a língua de todos esses laços e, ainda assim, a educação fazer sentido. Essa observação é a chave para ligar a língua à ecologia.

A abordagem ecológica, portanto, envolve o estudo do contexto, ou seja, ela vê a língua como relação entre as pessoas de acordo com o meio em que vivem. E, também, estuda os organismos e as maneiras mais eficazes de como esses organismos relacionam-se entre si no mundo e com o mundo.

A perspectiva ecológica argumenta que a aprendizagem de uma língua é o resultado de uma participação significativa em eventos humanos. Tal participação, periférica a princípio, envolve percepção, ação e construção conjunta de significado.

Outro ingrediente central na abordagem ecológica é a interação. A negociação de significados é um forte indicativo para ajudar que a proficiência da aprendizagem da língua aumente.

Com base nas ideias expostas acima, a linguística ecológica, portanto, preocupa-se fundamentalmente com as relações existentes entre o uso da língua e o seu ambiente, ou seja, o meio social/físico na qual ela é usada. A linguística ecológica vê a língua como uma atividade no mundo, ela não é estática, embora seu uso seja sistemático.

Então, a linguística ecológica estuda a língua como *relação* (pensamento, ação, energia, capacidade) em vez de *objeto* (palavras, frases, regras). Ela também relaciona expressões verbais a outros aspectos que façam sentido, como gestos, desenhos, artefatos etc.

De acordo com Van Lier, a semiótica é uma ciência que tem como objeto de estudo os significados/signos. O autor acrescenta, ainda, que a semiótica e a ecologia têm relações profundas, isto é, uma abordagem semiótica da língua leva a uma perspectiva ecológica na aprendizagem de línguas, já uma perspectiva ecológica na língua leva a uma colocação de

aprendizagem dentro de uma semiótica de espaço, tempo, ação, percepção e mente.

A abordagem semiótica e ecológica sugere que o professor tente se colocar no lugar dos alunos e procure estabelecer relações com o mundo que os cerca e com o que eles estão aprendendo. Neste sentido, o professor conseguirá perceber que: a) a língua envolve o aprendiz em toda sua complexidade e variedade; b) a língua está incorporada no mundo físico e social sendo parte de outros sistemas formadores de significados; e c) a aprendizagem de língua e o seu uso não podem existir separadamente, pois uma depende da outra e juntas estabelecem relações de ação e interação dentro de um sistema linguístico.

Segundo Van Lier (2004, 2000), os conceitos de *affordance* e de *emergência* são palavras-chave da sua fundamentação ecológica, porque *affordance* é a origem e o princípio da conexão entre o indivíduo, o físico, o social e o mundo simbólico; enquanto que *emergência* caracteriza o desenvolvimento das complexas habilidades ou potencialidades linguísticas.

Conforme acentuou Van Lier, *emergência* acontece quando simples organismos ou elementos reorganizam-se dentro de um complexo e inteligente sistema. Neste sentido, significa ver como um indivíduo na sua totalidade age, compreende e percebe o seu ambiente natural e também como suas ações afetam ao meio em que vive.

A *emergência* ou *emergentismo* é um termo que foi utilizado pela primeira vez, pelo filósofo John Stuart Mill (*apud* VAN LIER, 2004), para diferenciar causas mecânicas de causas químicas. Em processos químicos, a mistura de alguns elementos não significa somente a soma desses elementos, porque a soma entre elementos químicos, em muitos casos, pode produzir resultados totalmente diferentes. Por exemplo, ao observarem-se os átomos de hidrogênio e os átomos de oxigênio separadamente, poderia ser pensando na hipótese da formação de outro elemento (água) quando esses estivessem unidos?

Nessa ótica, entende-se que a *emergência*, tanto em ciências físicas como em sociais, é o resultado de eventos ou atividades que podem ser totalmente diferentes do *input* inicial. Isso significa que se amplia, assim, a visão de que o *input* é uma mola propulsora capaz de ativar e ampliar o potencial cognitivo dos indivíduos tornando-os capazes de compreenderem, reconhecerem e aceitarem o ambiente em que vivem e as mudanças que ocorrem cotidianamente, agindo como seres ativos dentro

desse ambiente e não apenas, recebedores passivos de mensagens.

Por conseguinte, a emergência em aprendizagem de língua trata-se da combinação entre recursos linguísticos e recursos semióticos, os quais podem tornar a aprendizagem mais significativa. Neste caminho, o contexto proporciona o *affordance*, ou seja, quando possibilidades de ações produzem oportunidades para engajamento e participação. *Affordances* podem estimular a intersubjetividade (social) e a atenção (cognitiva) possibilitando ao indivíduo a capacidade de relacionar-se com o seu semelhante, desencadeando ao mesmo tempo o desenvolvimento das habilidades sociais e cognitivas, as quais são especificamente humanas.

A explicação de Van Lier para esse fenômeno está relacionada ao uso dos recursos semióticos do meio ambiente em que eles estimulam a emergência da linguagem. Nesta direção, o meio ambiente é constituído de uma variedade de signos estimuladores da percepção, da reflexão, da imaginação e da ação nos quais, favorecem o aprender.

Na concepção de Van Lier, a aprendizagem através do meio ambiente não é aquela na qual o professor joga signos linguísticos sobre os aprendizes, e sim, aquela a qual o professor ensina como o entorno linguístico funciona procurando estabelecer relações entre aluno/realidade do meio em que vive. Os aprendizes somente aprendem as regras do sistema linguístico quando participam de certas práticas que os tornem participantes ativos desse sistema, pois a partir do momento que se pratica algo, as regras começam a fazer sentido, o sentimento pelo aprender emerge e as regras tornam-se aprendidas instantaneamente.

A palavra *affordance* foi criada pelo psicólogo James Gibson em 1979 (*apud* VAN LIER, 2004) para referir-se ao que o ambiente oferece de bom ou mau ao animal, em outras palavras, para referir-se a como acontece a relação entre indivíduo e o meio ambiente. Então, o *affordance* está relacionado ao *potencial de significação*. (HALIDAY, 1978, *apud* VAN LIER, 2004)

Gibson (*apud* VAN LIER, 2004) refere-se também ao *potencial de ação*, o qual emerge quando os indivíduos interagem com o mundo físico e social. Ainda segundo o autor, existem condições para a significação emergir, ou seja, a ação, a percepção e a interpretação precisam, necessariamente, estar em constante reforço mútuo, para que, desse modo, a significação aconteça.

Existem, portanto, dois determinantes importantes para que ocorra

affordance: a relação indivíduo/indivíduo e indivíduo/meio. Essa relação não é direta, e sim mediada por um instrumento chamado linguagem.

Van Lier enfatiza que o ambiente, com todos os seus significados, é capaz de transformar o indivíduo em participante ativo, porque, ao mesmo tempo em que ele transforma o meio de acordo com suas necessidades, transforma-se a si mesmo. Ainda sobre isso, o autor afirma que *affordance* resulta da interação entre percepção/atividade e agente/ambiente. Em seu ponto de vista, o meio ambiente está cheio de significados em potencial, o qual disponibiliza ao aprendiz condições necessárias para que ele seja o protagonista dessa interação. E, assim, para que esses significados se tornem importantes, depende do aprendiz perceber se eles são relevantes ou não para o seu aprendizado.